



Quando a escola se faz fora de portas...

As “*classes transplantées*”, ou como começaram a ser posteriormente designadas, as “*classes de découverte*”, desde que foram institucionalizadas, passaram a constituir um marco na vida de qualquer aluno. Da sua frequência resultam vínculos fortes de amizade com os colegas e com os professores, que irão perdurar ao longo duma vida.

A alegria de um dia partir, algures, com os colegas e amigos, de passar com eles dias inteiros e até as noites(!), de romper com a rotina da escola, a possibilidade de descobrir novos horizontes, de dar sentido às aprendizagens, de se confrontar com realidades diferentes das suas, de pôr à prova capacidades, de ganhar mais confiança em si próprio, de assumir atitudes responsáveis, de se confrontar com desigualdades sociais e culturais, proporcionar a troca de afetos, a tomada de consciência de valores diferentes, são alguns dos benefícios que resultam destas experiências tão comuns nos países francófonos. Nesta situação de descoberta, o trabalho pedagógico só tem a ganhar em coerência e motivação.



Como a designação de *transplantadas* poderia levar a crer que a realidade *escola* seria a mesma, só que em local diferente, optou-se por passar a denominá-las como *classes de descoberta*, pois deixa subentender que este objetivo não será possível em situação escolar habitual. Isto implicará a abertura da classe ao mundo exterior a partir de um projeto cooperativo, oferecendo aos alunos a oportunidade de viver uma forte experiência coletiva, motivadora para as suas aprendizagens.

A primeira *classe transplantada* surge em França nos anos 50, fruto da iniciativa de uma professora e do diretor da escola privada *Victor Hugo* em Paris, abrindo desta forma as portas a uma nova forma de aprendizagem e ao surgimento de outras atividades deste cariz. Foi a chamada *classe de neige*.

Posteriormente, as escolas públicas seguem o exemplo com o apoio das instituições municipais.

Na década de 70 as *classes transplantadas* eram designadas de acordo com o tipo de classe realizada: classe de neve, de mar, de montanha ou de campo e genericamente chamadas «*classes de natureza*».

No final dos anos 80, princípio da década de 90, este tipo de atividades diversifica-se e surgem as *classes culturais*, com a duração de uma semana, que incluem iniciação artística junto de organismos culturais ou de artistas, as *classes de património* que têm lugar em locais com interesse histórico, as *classes de leitura, europeias, científicas, ...*

A escola, fonte de conhecimento, abre-se assim ao mundo, pois entende-se ser necessário sair da escola-edifício, não como se de uma interrupção letiva ou “férias” se tratasse, mas sim numa perspetiva de continuidade da sala de aula, inserida em diferente realidade. É fundamental promover novas atividades, visitar e interagir com outros meios segundo uma pedagogia que favoreça o desenvolvimento global das crianças e jovens, dando largas à sua curiosidade natural e à sua apetência para ver, sentir, experimentar, aplicar e comunicar. Só assim poderão descobrir, conhecer, compreender e apreciar o património natural, cultural e/ou construído, seja este próximo ou distante, dando sentido e articulando aprendizagens das diferentes disciplinas.

A *classe de descoberta* aporta recursos e estímulos do meio bem como formas de vida diferentes que permitirão aos alunos, de qualquer idade, construir saberes e guardar momentos e memórias únicos de que todos deveriam poder usufruir, pelo menos uma vez, ao longo da sua escolaridade. Estas classes têm também como objetivo prioritário e fundamental, o desenvolvimento da autonomia, do espírito de iniciativa, da responsabilidade, o respeito pelas regras coletivas e a socialização, o respeito pelo “outro” e pelo seu trabalho contribuindo para uma educação para a cidadania. Muitas crianças e jovens vivenciam desta forma, e pela primeira vez, um tempo longe da proteção e segurança dos pais, sentindo-se, embora acompanhados de adultos, um pouco entregues a si próprios, na medida em que deverão gerir horários, rotinas e tarefas numa estreita partilha com os colegas.

O momento do ano letivo durante o qual tem lugar a atividade será determinante na definição dos objetivos da mesma. A realização durante o primeiro período favorece/sensibiliza para a descoberta seguindo-se o posterior aprofundamento dos conhecimentos, quer durante quer após a visita, e permite também o estabelecimento de relações aluno-aluno e aluno-professor, principalmente em inícios de ciclo ou quando se verifica mudanças/integração de elementos na turma. Uma visita realizada no terceiro período privilegia essencialmente uma consolidação/aplicação de conhecimentos e o reforço dos laços entre os participantes.

Que tipo de classe escolher?



As hipóteses são múltiplas: *classe de neve* ou “branca”, *classe de natureza* ou “verde”, *classe de espeleologia* ou “negra”, *classe de mar* ou “azul” ... entre as mais clássicas. Seja qual for a escolha, os pontos de interesse e as possibilidades de exploração serão infinitas.

A *classe de neve* é um dos destinos mais frequentes e historicamente, um dos mais antigos (e também um dos mais caros), cuja origem está intimamente relacionada com o lazer. Mas a neve e o esqui não são os únicos atrativos numa região fria constituindo também uma forma de descobrir e conhecer o meio: a geomorfologia e geologia da região, a hidrologia, a gastronomia, o tipo de construção, o artesanato, as ocupações/ofícios ancestrais: o pastoreio, o fabrico do pão, do queijo, as tradições, lendas e costumes ... quantas vezes apenas



transmitidos oralmente ao longo das gerações.

Quanto não terão para ensinar e partilhar os anciãos das aldeias próximas? Como será passar uma noite a ouvir contar antigas histórias, sentados à lareira de uma casa típica da região, guardando o cheiro da lareira, o calor aconchegante do lar? Por que não fazer uma recolha desses tesouros vividos e posteriormente divulgar no jornal ou site da escola?

A *classe verde* é uma das classes que menos esforço

económico exige podendo as atividades ser integralmente geridas pelo grupo organizador. Permite reconhecer e identificar a biodiversidade da floresta, o que dela podemos retirar e como o fazer de forma sustentável, aprendendo a viver na natureza e com a natureza. Conhecer os costumes das gentes da região, as ocupações relacionadas com a floresta, fazer caminhadas, escalada, estudar um troço de um rio e descobri-lo em canoa, realizar jogos ambientais, fazer observação de aves, recolha de material para construção de um herbário, elaboração de um diário das atividades realizadas,

Passar alguns dias fora do conforto das suas casas, desligados das tecnologias, seja num parque de campismo ou num albergue de juventude. Maravilharem-se com a paisagem sonora e os aromas da natureza que acordou muito antes deles e se prepara para um novo dia. No outono, assistir à retirada silenciosa e mágica das névoas da manhã, e às gotas de orvalho que se seguram até ao limite nas folhas dos arbustos, fazendo-os brilhar com os raios de sol, sentir o cheiro da terra molhada, registar as tonalidades das folhas das árvores ... Na primavera presenciar o renascer da natureza que se manteve oculta durante os meses frios de inverno e, à noite, depois do fogo-de-campo, da partilha de experiências e descobertas do dia, das canções cantadas em coro, por que não tentar identificar algumas constelações no aconchego dos sacos-cama ? Todo um despertar de novas sensações ...

Conhecer e perceber o relevo litoral, a biodiversidade das poças de maré, fazer desenhos do que se viu e aprendeu, no caso dos mais pequeninos ou proceder a recolhas fotográficas e elaborar fichas, no caso de crianças mais crescidas. Fazer do livro de campo um companheiro, no qual ficam registadas as atividades e observações do dia e, por que não, também as emoções e surpresas desta vivência.



Uma atividade em Portugal. (Atletas do Clube Náutico de Ponte de Lima passeiam "jovens" idosos do Lar de Nossa Senhora da Conceição numa descida do rio em canoa. (maio de 2010))

Uma *classe azul* conduz-nos assim à descoberta do mar, das suas riquezas, maravilhas e recursos, e das formas de vida das populações a ele ligadas.

Este tipo de atividade promove o contacto direto dos jovens e crianças com a população e o seu ritmo de vida, os diferentes tipos de pesca, as embarcações típicas da região e as artes utilizadas, as espécies características, quais já não existem hoje e o porquê do seu desaparecimento, como evoluíram as técnicas deste ofício, profissões ligadas ao mar, histórias antigas, canções e lendas, ...

Para além destas, são hoje em dia dinamizadas inúmeras outras classes, algumas mais exigentes, como a *classe de espeleologia*, explorando uma vertente científica, o carso e a hidrologia, a par de uma perspetiva filosófica, uma viagem de descoberta ao fundo de si próprio...

Ou então por que não pôr em prática uma classe de património ou ... uma classe de *rencontre* ? Um projeto intergeracional que promova a abertura da escola aos menos jovens - fazendo-os partícipes de atividades comuns de descoberta do meio, desportivas, musicais e teatrais, caminhadas, visitas a museus, festas ... – valorizando o papel do idoso na sociedade e aproximando no espaço, gerações não tão próximas no tempo, numa enriquecedora e afetuosa troca de experiências.



Nota de rodapé:

Em Portugal, temos conhecimento de que a Direção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas (DGACCP) prevê o apoio à realização de visitas de estudo, classes transplantadas e colónias de férias, estipulando a atribuição de subsídios para a organização deste tipo de atividades que incluam filhos de portugueses residentes no estrangeiro, conforme regulamento existente.

Os grupos de estudo e as classes transplantadas que vierem a Portugal deverão propor-se, como objetivo principal, a observância e o estudo dos diversos aspetos geográficos, sociais, histórico-culturais e económicos do país.

Os pedidos relativos a visitas de estudo, classes transplantadas ou colónias de férias deverão ser apresentados nos Consulados até 31 de Março segundo o exposto no Portal das Comunidades.

Angelina Carvalho, professora da Esc. Sec. do Cerco do Porto publicou um artigo em 1991 dizendo que este tipo de classes tem tido pouca representatividade em número, em Portugal, mas muito sucesso em termos de resultados.

Texto de Maria Pilar Garcia
Fotos retiradas da Internet